

«Quando ele se foi embora, eu dei um tempo e deixei de o amar. Porque foi ele que se foi embora. E eu fiquei. Sentei-me na Vida para ver o filme todo que afinal era a Vida e foi a nossa vida.»

«Já não o amas mesmo?»

«Não.»

«Tens a certeza?»

«Tenho.»

«Quando é que tiveste a certeza?»

«Quando fomos ao Registo Comercial assinar os papeis do divórcio de Jupiter e Saturn e depois da Conservatória seguiu cada um para seu lado. Mostrei-lhe 3 páginas do Cosmos da Vida com 3 mensagens importantes, uma sobre Formigas, outra sobre Abelhas e outra sobre Árvores. Quis ver se as tecnologias que ele tinha instalado nos olhos ao ler as mensagens eram as mesmas tecnologias que as minhas. Não entendeu a mensagem. Vi, portanto, que éramos de mundos espirituais diferentes. Vi que afinal víamos e sentíamos as coisas diferentes, porque temos tecnologias diferentes. Vi-o a limpar uma pequenina lágrima de aligator sem emoções e sem sentimentos, porque perdeu as emoções e os sentimentos no jogo. Sei que ele meteu sem a minha autorização *O Algoritmo do Amor* num Jogo Ilícito de Personagens. Vi que no jogo a personagem dele era um Aligator de Saturn. Andei a dormir com um Aligator na cama. I'm not aligator. Sou um alien de Jupiter. Os aliens de

Jupiter comem os bichos maus, as cobras e os crocodilos. Por isso, fui eu que o comi na cama. Comi o gajo de 4 e entreguei o jogo à Jupiter Editions para tornar o jogo dele lícito. Legalizei o jogo. Fi-lo por amor.»

«E olha, como é que ficou Neptune no meio da história toda?»

«Neptune ficou neutro.»

«Neptune fica sempre neutro, não é?»

«Sim. Não toma partidos.»

«E olha quem é o Domi?»

«É um Angel de Jupiter...»

«Donde é que ele apareceu?»

«Dos Illuminnatti Games...»

«Vocês tiveram alguma coisa?»

«Quem me dera... Tive um fraquinho por ele quando era mais novo... Ele é hétero...»

«Não sentes mesmo saudades dele?»

«Não sinto. Por estranho que pareça não sinto... Foi tudo tão estranho, foi uma saída tão estranha que eu acabei por não sentir nada. Ele matou mesmo O Algoritmo do Amor com uma enorme frieza de ânimo. Mandou 66 facadas psicóticas. O jogo dele é psicótico!»

«Quais foram as páginas que lhe mostraste?»

ANN DRUYAN

COSMOS

| MUNDOS POSSÍVEIS |

• A SEQUELA DO GRANDE CLÁSSICO
DE CARL SAGAN

Tradução de Isabel Pedrome

 NATIONAL
GEOGRAPHIC gradiva

Por que razão chamo a isto uma história de primeiro contacto? Duas espécies tão diferentes quanto possível, os seres humanos e as abelhas, evoluíram ao longo de percursos que divergiram há vários milhões de anos. Ainda assim, estas duas espécies — e tanto quanto sabemos neste planeta apenas elas e nós — conseguiram criar uma linguagem simbólica escrita em forma matemática e informada pelo conhecimento de leis da física que é a ciência. Trata-se do único tipo de linguagem que, especulam os cientistas, podemos vir a partilhar com uma civilização extraterrestre.

Vivemos há uma eternidade ao lado das abelhas sem suspeitar que a sua forma de comunicação poderia ter esta complexidade. O que aprendemos acerca da sociedade das abelhas nas décadas que passaram desde os estudos de Frisch envergonha algumas das nossas aspirações mais ambiciosas, e muda a nossa ideia do que é a vida inteligente na Terra.



À DATA EM QUE ESCREVO, as democracias em todo o mundo parecem mais frágeis do que nunca. No entanto, há lugares na Terra onde isso não é assim. Onde todos os indivíduos têm uma voz. Onde a corrupção é desconhecida. Onde a comunidade se comporta como se tivesse chegado ao consenso através do debate. Onde quer que as abelhas se reúnam fica um desses lugares.

Ao contrário do que a maior parte das pessoas pensam, a colmeia não é uma monarquia. A rainha não é nenhuma governante absoluta que manda nas outras abelhas. Qualquer fêmea pode ascender ao trono, desde que lhe seja dado o alimento certo e tenha espaço para crescer.

Um congresso político na colmeia: as batedoras da colmeia comunicam as suas descobertas respeitantes a localizações potenciais para a próxima colónia. Segue-se um grande debate

Se encontrarmos
civilizações mais avançadas
que nós, que faremos?



Procurámos sinais de vida inteligente nos céus. Mas o que faríamos se os encontrássemos? Estaremos prontos para o primeiro contacto? Seríamos sequer suficientemente inteligentes para saber que alguém nos estava a enviar uma mensagem?

Só somos capazes de detectar sinais de rádio há pouco mais de cem anos. As civilizações extraterrestres podem andar a bombardear a Terra com sinais de rádio há milhões, ou até há milhares de milhões de anos, sem ninguém se dar conta de nada. Talvez no próprio dia em que o leitor está a ler isto alguém se lembre de uma nova maneira de ouvir o cosmos, de outro meio físico de comunicação, alguma coisa que ainda não tenhamos sido suficientemente espertos para descobrir.

E se parecermos uma espécie de formigas aos extraterrestres? Toda a gente sabe como tratamos as formigas. E se os extraterrestres forem mais inteligentes que nós? E se tiverem tecnologia, armas, micróbios e vírus perante os quais fiquemos indefesos? A história do primeiro contacto entre civilizações terrestres — os seres humanos do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul — foi manchada pelo genocídio. Em todo o cosmos, haverá uma história de primeiro contacto entre culturas com diferentes níveis de desenvolvimento tecnológico que tenha acabado bem?

O Radiotelescópio Esférico com Abertura de 500 metros, ou FAST, no Sudoeste da China, o maior telescópio do mundo

ao seu tipo particular de vulnerabilidade a esse inimigo. Em certos casos libertam precisamente a feromona que vai atrair o inimigo do seu inimigo para lutar por elas. Será justo dizer que a árvore tem um conhecimento profundo de química, de entomologia e de outras ciências? Em que difere precisamente o conhecimento dela do nosso?

As árvores terão consciência? Serão inteligentes? Ou tudo não passará das interações entre todas estas formas de vida a serem testadas pelo ambiente ao longo das eras, e a desenvolverem novos comportamentos por meio da evolução por selecção natural? Estas aptidões notáveis das árvores não passarão de mais um expediente do ADN a tentar perpetuar-se? Quando somos nós que fazemos estas coisas, será assim tão diferente?



EM TODA A PARTE NA NATUREZA encontramos estas conversas electroquímicas entre formas de vida de diferentes espécies e reinos. E conversas entre dois reinos diferentes? O que poderemos ter em comum com seres que alcançaram a sua forma actual num mundo diferente, com uma história evolutiva diferente?

A razão de as leis naturais do cosmos que os cientistas perseguem serem tão poderosas é não poderem ser negadas ou quebradas. São verdadeiras, independentemente daquilo em que quisermos acreditar. São leis que se aplicam não apenas localmente, mas em todo o Universo e em qualquer momento. O que poderemos ter em comum com uma civilização inteligente de um outro mundo? A ciência e a matemática. A linguagem simbólica do cientista, do matemático e do engenheiro evita as coisas que se perdem na tradução entre as culturas. As linguagens simbólicas, incluindo as que são usadas na programação, têm um grau de precisão muito maior que as palavras. Não estão tão abertas a interpretações incorrectas.

COSMOS (DA VIDA)

Raul Catulo Moraes 8 de maio de 2022 in **A Magia dos Algoritmos** e **Jupiter Case Study**